

# O mundo interno: uma leitura kleiniana

THE INNER WORLD: A KLEINIAN READING

**Ana Karina Fachini Araujo**

## **Resumo** • *Abstract*

Este artigo discorre sobre o mundo interno, algo central no pensamento de Melanie Klein. O referido mundo é onde tudo acontece: as fantasias inconscientes, as relações de objeto com vida própria e o colorido do dinamismo pulsional. Pretende-se com este artigo dar ênfase a uma visão de Melanie Klein como precursora da intersubjetividade, deixando caminho aberto para que os pós-kleinianos possam estudá-la, superá-la e transformá-la.

*This article discusses the inner world, something central to Melanie Klein's thought. The inner world is where everything happens: unconscious fantasies, object relations with their own life and the colorful instinctual dynamism. And also, the emphasis of the article is on a view of Melanie Klein as a precursor of intersubjectivity, leaving the way open for post-Kleinians to study her, surpass her and transform her.*

## **Palavras-chave** • *Keywords*

Mundo interno; fantasias inconscientes; pulsões de vida e morte; relações de objeto; intersubjetividade.

*Inner world; unconscious fantasies; life and death drives; object relations; intersubjectivity.*

Este artigo surgiu do convite para participar do segundo encontro: *Objeto na clínica psicanalítica: diálogos entre Klein e Winnicott*. Naquele momento, a temática versou sobre Pulsões e relações de objeto. E, então, a inspiração para a escrita veio do Grupos de Estudos de Winnicott, quando estávamos lendo *Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo*, onde ele apresenta o caso clínico de três irmãos que acompanhou após a morte da mãe. Winnicott (1963) nos conta que o pai pediu ajuda para uma amiga da mãe e, tempos depois, ela se tornou sua nova esposa. Os questionamentos começaram quando ele apresentou a vineta clínica do filho mais novo.

O menino tinha 4 meses quando a mãe faleceu e a madrasta entrou em cena, tudo ocorreu dentro do esperado em seu desenvolvimento, até os 4 anos, quando veio até Winnicott, pois estava com certas “dificuldades de personalidade”. Nas entrevistas psicoterapêuticas, ele inventou uma brincadeira que tinha que se repetir muitas vezes, em que se escondia e Winnicott fazia pequenas alterações na disposição da sala ou dos objetos. O menino saía do esconderijo, descobria as alterações, ficava furioso e matava o analista. Então, Winnicott orientou a madrasta a preparar-se para falar sobre a morte da mãe, fato que se repetiu muitas vezes, pois ele queria saber detalhes sobre ela. A relação com a madrasta não se alterou, e ele continuou chamando-a de mãe.

A kleiniana que estuda Winnicott logo surgiu: “De que mãe estamos falando?”, “E a mãe enquanto objeto interno?”, “E as fantasias de ter destruído esse objeto dentro e fora dele?”, “E o medo de ser retaliado por ela?”, “Como ele não sentiu a alteração da mãe para a madrasta?”

Essas questões me levaram a pensar nas peculiaridades, complementariedades e diferenças entre esses autores. Logo, pensei em tratar de algo central em Melanie Klein: o mundo interno – o mundo das fantasias inconscientes, onde tudo acontece em termos do pulsional e das relações de objeto. Um mundo em constante transformação, onde os objetos internos se tornam instâncias e têm vida própria, realidade psíquica.

Sob a ótica de Klein, atravessamos esse caminho da presença do pulsional e do relacional. Lendo Greenberg e Mitchell, encontrei uma passagem, em que se afirma:

[...] Klein serviu como uma figura transicional-chave entre o modelo estrutural-pulsional e o modelo estrutural-relacional. As suas maiores contribuições centram-se nas suas formulações, muitas vezes, sutis, mas fundamentais, no que tange à natureza das pulsões em si e à origem e natureza dos 'objetos'. (GREENBERG E MITCHELL, 1994, p. 88)

Sobre essa afirmação, gostaria de ressaltar o quanto compreendo Melanie Klein ligada a Freud e ao modelo intrapsíquico, mas também coincido com Cintra (2022, p. 66), no "(...) desejo dar voz à sensação de que faz falta não considerar a obra de Melanie Klein como aquela que, em primeiro lugar, chamou atenção para as relações de objeto, também em sua dimensão *intersubjetiva*."

Ora, e não é função da fantasia mediar o mundo externo e interno? Em muitos momentos, me pergunto: de que objetos a autora está falando? Ou, ainda, dito de outra maneira, é a relação entre os objetos internos e externos que confere uma experiência emocional. É fato que "Melanie Klein falou muito das relações de objetos intrapsíquicas, criadoras de sistemas fechados, encontradas nas patologias mais graves. Mas na verdade ela nunca desprezou a importância dos objetos externos na saúde e na doença." (*Ibidem*, 2022, p. 76). Considero Melanie Klein precursora da intersubjetividade.

Acrescento que não encontro uma Melanie Klein estrutural, mas uma autora que inaugura um modelo dinâmico. É verdade que a generosa Melanie Klein vai, aos poucos, autorizando-se a ser kleiniana. Manteve-se fiel a Freud, mas sempre construindo uma teoria, em que o movimento entre as posições esquizoparanoide e depressiva se fez presente. Foi um grande percurso até 1935 para que esse dinamismo pudesse ser colocado em termos da "teoria das posições".

Tudo começa na análise de crianças, com base no material que elas forneciam: o brincar, caminho para observar a atividade de fantasia e seu mundo interno, algo muito dinâmico. Já em *A psicanálise de crianças*, de 1932, ela propõe algo muito inovador às ideias de Freud no que tange à visão da mente, justamente, ao levar em consideração "(...) as fantasias inconscientes e seu desenvolvimento do conceito de objetos internos." (GREENBERG E MITCHELL, 1994, p. 90)

Para Klein, a fantasia é sempre inconsciente, atividade mental básica e presente desde o nascimento junto a um ego rudimentar. No curso do seu desenvolvimento, a criança expressa impulsos, desejos e mecanismos de defesa inconscientes. “Projeção, introjeção, cisão, idealização, negação, repressão são termos abstratos que descrevem processos psíquicos gerais, mas seu uso individual é expresso por meio das fantasias singulares da pessoa.” (SPILLIUS, 2006, p. 192)

É a natureza do pensamento infantil primitivo que consideramos a essência da vida mental. Nesse sentido, Spillius afirma que:

[...] Klein via a fantasia inconsciente como sinônimo de pensamento e de sentimentos inconscientes e que talvez tenha usado o termo ‘fantasia’ em vez de ‘pensamento’ porque os pensamentos dos pequenos pacientes eram mais imaginativos e menos racionais do que supõe que seja o pensamento comum dos adultos. (SPILLIUS, 2006, p. 186)

Recordemos Fritz, Melanie Klein (1921) ao analisá-lo, “esclarece” suas fantasias dizendo que não existia Coelho da Páscoa nem Papai Noel. Fritz, brilhantemente, diz: vou morar na casa dos L., porque lá era possível fantasiar! Lá, ele poderia pensar com sua imaginação livremente. Desde o início de seu trabalho com crianças, Klein notou os efeitos nocivos da inibição na capacidade de fantasiar, em termos do desenvolvimento infantil.

Susan Isaacs (1952/1982) em seu artigo *A natureza e a função da fantasia* traz ampliações, sobretudo, dando lugar à fantasia inconsciente na vida, ligando-a ao conceito de pulsão. Assim, “(...) os primeiros processos mentais, os representantes psíquicos dos instintos libidinais e destrutivos, têm que ser encarados como os primórdios das fantasias” (ISAACS, 1952/1982, p. 96). Ampliando um pouco mais, a autora afirma que: “(...) todos os impulsos, todos os sentimentos, todos os modos de defesa são experimentados em fantasias que lhes incutem vida mental e mostram a direção e propósitos daqueles” (*Ibidem*, p. 97). Logo, trata-se do ponto central para a organização da personalidade, pois todo esse funcionamento se combina de modo a compor a singularidade do indivíduo, seu modo de ser, de se relacionar com o mundo e de alcançar certo equilíbrio.

Portanto, se as fantasias inconscientes estão presentes desde o início, elas irão compor o mundo interno e dar sentido ao mundo externo, afetando:

[...] a percepção da realidade externa e que a realidade externa, por sua vez, afeta as fantasias, existindo um interjogo contínuo delas. Essa hipótese, ou seja, de que os fatores externos reais são interpretados e compreendidos, vividos, em outras palavras, em termos de fantasias pre-existentes, e que as fantasias podem ser modificadas para levar em conta a experiência dos fatos, é uma premissa básica do pensamento kleiniano. Surge, por exemplo, na ideia kleiniana de que o bebê desenvolve, gradativamente o pensamento mais realista da posição depressiva (Klein, 1935/1940; Segal, 1964) junto com, e em parte, substituindo o pensamento onipotente da posição esquizoparanoide (Klein, 1946), embora cada bebê e cada adulto vá ter sua própria realização característica das duas formas de pensamento, principalmente, no conteúdo singular de suas fantasias. (SPILLIUS, 2006, pp. 191-192)

Com base nas primeiras relações com o seio, no interjogo entre projeção e introjeção, é que se constitui esse mundo complexo de fantasias de *self* e de objetos. Nesse sentido, as fantasias inconscientes contemplam ideias – seio e fome – e sentimentos – gratificação/bondade/amor e frustração/maldade/ódio. “(...) é a mola mestra, tanto da criatividade quanto da destrutividade.” (SPILLIUS, 2006, p. 191)

Esses primeiros objetos arcaicos ou imagos<sup>1</sup>, instalados no mundo interno “(...) são uma imagem distorcida de forma fantasmática dos objetos reais em que são baseadas, se instalam não só no mundo interno, mas também dentro do ego, através do processo de incorporação.” (KLEIN, 1935, p. 304) Ainda nesse sentido, Klein complementa:

A relação da criança primeiro com a mãe e logo depois com o pai e outras pessoas é acompanhada pelos processos de internalização a que dei tanto destaque no meu trabalho. O bebê tendo incorporado os pais, sente como

[1] Melanie Klein abandona o uso do termo 'imago' ao longo de sua obra e passa a pensar em 'fantasia' e 'objetos'. (BARAN-GER, 1981)

se eles fossem pessoas vivas dentro de seu corpo, da mesma maneira concreta que profundas fantasias inconscientes são vividas – na sua mente, eles são objetos ‘internos’, como passei a chamá-los. Assim, se constrói um mundo interior na mente inconsciente da criança, mundo que corresponde às suas experiências reais e às impressões que recebe das pessoas e do mundo externo, que, no entanto, são alteradas pelas próprias fantasias e impulsos. (KLEIN, 1940, p. 388)

O mundo interno é o mundo dos objetos, que são sentidos, vividos, percebidos com vida própria. Proponho esse preâmbulo para que possamos adentrar à temática da pulsão, outro componente fundamental desse mundo interno e que tem sua manifestação e interferência na vida psíquica, o que nos leva a uma Melanie Klein (1952) que conta de um mundo interno povoado por objetos e de instâncias psíquicas. A autora fez muito bom uso da segunda teoria pulsional de Freud (1923) ao afirmar que a dualidade pulsional está presente desde o nascimento e um ego rudimentar terá dificuldade de lidar com essas forças que o tensionam, governam e que são oriundas de fontes internas e externas.

O nascimento é considerado como a primeira fonte externa de grande desconforto que o bebê experimenta. A autora sugere que nessa dolorosa experiência de nascimento já se observa a luta entre a pulsão de vida e a pulsão de morte (KLEIN, 1948). O que está em jogo é a sobrevivência, e o desequilíbrio entre as pulsões é perturbador, tornando-se uma ameaça à vida e sentido como um ataque hostil. Essa ação interna da pulsão de morte é sentida como perseguição e gera o medo de ser aniquilado, sendo, então, considerada motivo da ansiedade persecutória (*Idem*, 1952).

Diante de um ego muito rudimentar – que tem como função lutar contra a ansiedade despertada pela ação da pulsão de morte – essa ameaça se torna facilmente sentida, o que torna difícil tolerar a ansiedade despertada. Assim, ele precisa se valer dos poucos recursos que dispõe para dominar essa ansiedade, acionando os mecanismos de defesa: projeção, introjeção, cisão. É justamente a pulsão de vida que põe em ação esses mecanismos para que a ameaça de destruição e morte não inunde o ego. Assim, supõe-se que “(...) há sempre uma interação, embora em

proporções variadas, entre os impulsos libidinais e agressivos, correspondendo à fusão entre a pulsão de vida e a de morte.” (*Ibidem*, p. 87)

A vivência de amor/gratificação ou ódio/frustração com seu objeto levam o bebê a projetar os impulsos para dentro. Assim, o objeto é, conseqüentemente, incorporado, colorido pelos impulsos projetados. Ambos os seios – bom e mau – serão introjetados e passarão a operar no interior do ego. São as primeiras introjeções do seio bom e do seio mau que marcam a cisão do ego e irão compor o núcleo do superego arcaico kleiniano, que se constitui tanto com qualidades de proteção, quanto de ameaça (*Ibidem*).

O mundo na posição esquizoparanoide está idealmente dividido em muito bom, onde a criança mantém relações idílicas com o objeto, e muito mau, onde se localiza o terror e a perseguição. Idealizar e cindir são fundamentais para uma mente primitiva, quando o ego ainda não dispõe de recursos para lidar com as frustrações, tensões, angústias e ameaças a si e ao bom objeto internalizado. Vale reforçar que as tensões são oriundas da forte presença da pulsão de morte que visa a obter o prazer mais puro, pleno e perfeito.

A ameaça advinda da frustração reforça a emoção de caráter oral reconhecida como voracidade, em que se deseja tomar posse do seio frustrador, devorá-lo e aniquilá-lo. No interjogo entre projeção e introjeção, o seio que frustrou e fora atacado em fantasia passará a ser temido como o seio que persegue e ameaça, dotado de um leite venenoso. Gostaria de sublinhar que “(...) em toda projeção, algo do eu se fragmenta e vai para fora, dirigindo o movimento pulsional para pousar sobre os objetos.” (CINTRA, 2022, p. 77)

O sadismo oral, uretral e anal entram em cena e podem acuar o ego que, para sobreviver e se defender, contra-ataca, colocando em ação a “lei de talião”. Uma espécie de ciclo vicioso ou maligno pode ser instaurado, pois inundado da angústia de aniquilamento, do medo de ser destruído e morrer, o ego se vale de fantasias de matar, eliminando a fonte que o ameaça, sendo muito violento em suas fantasias de ataque ao seio, depois ao corpo da mãe, aos bebês que estão no seu interior, ao pênis do pai e ao pai.

A identificação projetiva é um mecanismo de defesa acionado nesses momentos em que os sentimentos violentos estão

presentes, como uma forma de depositar os sentimentos no objeto, como uma saída para esse estado perturbador (KLEIN, 1946). No entanto, o objeto torna-se persecutório e temido, o que colocará em curso outros mecanismos de defesa numa tentativa de eliminar a perseguição (JOSEPH, 1988/1992) e aplacar a tirania do superego, que impõe represálias terríveis ao ego.

O que pode contrabalançar a forte ameaça à vida, que pode ter origem interna e externa, são as relações amorosas e afetivas com o objeto seio, por exemplo: o aleitamento que alivia a fome, a troca da fralda, o banho, uma conversa com o bebê, o prazer de ser ninado. O bebê responde e reconhece o tom da voz da mãe, o sorriso e, sobretudo, como ela atende às suas necessidades.

Contudo, quando o desenvolvimento vai bem, ou seja, a gratificação é maior que a frustração:

[...] o superego é em grande parte sentido como de ajuda e não opera como uma consciência tão severa. Há uma necessidade inerente à criança pequena – e, suponho, até mesmo ao bebê bem pequeno – de ser, ao mesmo tempo, protegida e submetida a certas proibições, o que equivale ao controle dos impulsos destrutivos. (KLEIN, 1958, p. 274)

É a confiança no objeto bom fundamental para a entrada na posição depressiva, que nos sinaliza uma harmonia na fusão entre a pulsão de vida e a pulsão de morte. A ideia é a de que a violência presente na posição esquizoparanoide dê lugar à agressividade, na qualidade de força para que o bebê continue lutando pela vida. Nesse sentido, espera-se que a capacidade de amar sem violentar ou ser violentado esteja mais fortalecida nesse momento, o que poderá favorecer sua aproximação à realidade psíquica e, sobretudo, de perceber que são os seus impulsos de ódio que violentam o objeto, causando estragos.

É justamente o acréscimo desta percepção que faz com que “(...) os objetos danificados, que eram sentidos como maus, melhorem na mente da criança e se aproximem mais dos pais reais; o ego desenvolve, gradualmente, sua função essencial de lidar com o mundo externo.” (KLEIN, 1958, p. 276) Estamos preparando o terreno para o momento em que haverá separação entre mãe e bebê, e a percepção de que o objeto de amor e

gratificação é o mesmo objeto que frustra e persegue, estamos, então, diante do objeto total.

A entrada na posição depressiva leva o bebê a se dar conta de que os objetos têm uma existência separada dele e mantém relações entre si, deixando-o de fora, excluído. Dessa forma, a criança percebe a relação entre o pai e a mãe, sobretudo, a mãe, que dirige atenção para alguém que não é ele. Estamos na seara da posição depressiva e da situação edípica (ARAUJO, 2018).

Ainda sobre essa mudança de percepção de mundo, da posição esquizoparanoide para a posição depressiva, Britton (2003) considera que, até então, tudo o que estava separado em um mundo idealmente bom – felicidade suprema – e um mundo idealmente mau – terror e perseguição – transforma-se em um único mundo. Então, “(...) essas experiências contrastantes de enlevo e de horror provêm de uma única fonte.” (BRITTON, 2003, p. 58) Portanto, toda bondade do seio ideal nutridor e amado também é parte do seio mau e odiado. O autor ainda compara a entrada na posição depressiva com o provar do “fruto da árvore do conhecimento”, pois o sujeito passa a conhecer o bem e o mal e, desse modo, não pode mais viver no paraíso do Jardim do Éden.

O desmame pode ser pensado como o momento de saída do referido Jardim. A experiência de separação do objeto é vivida como perda do seio que representa bondade, segurança e amor, com quem, até então, mantinha uma relação idealmente boa ou má. Logo, a fantasia de unicidade e continuidade com o objeto é quebrada pela separação relativa do objeto que alimenta e dá vida. Portanto, o bebê se depara com uma nova realidade: quando a mãe se ausenta, o objeto concreto não está mais lá. Então, é necessário recriá-lo no mundo interno, enquanto aguarda o seu retorno. Essa é a tarefa que precisa ser realizada na posição depressiva e que exige muita energia psíquica.

Klein (1958, p. 276) afirma que os fatores internos são fundamentais nesse processo no sentido da “(...) predominância da pulsão de vida na interação entre as duas pulsões”. É preciso observar que, mesmo estando na posição depressiva, características da posição esquizoparanoide estão presentes, e o mecanismo de defesa, cisão, se apresenta como um recurso do ego quando o bebê se sente ameaçado pelo objeto persecutório, separando o bom do mau objeto. É preciso ressaltar que a cisão contempla

um certo equilíbrio, pois quando não é uma divisão rígida, apresenta-se para manter uma estabilidade suficiente para o ego lidar com a situação. Para isso, é preciso que, na fusão, a pulsão de vida predomine sobre a pulsão de morte.

Há que se continuar brigando pela vida na posição depressiva e por meio de sua elaboração, mas não mais com violência, como na posição esquizoparanoide. E sim, por meio de alianças possíveis, em que se possa obter satisfação e prazer, renunciando à plenitude de se obter prazer a qualquer custo.

Assim, a frustração oral do desmame leva a criança a fugir para outro lugar que não é mãe, mas que ela ainda não sabe o que é. O que significa que, mais tarde, essas experiências serão a base para a descoberta do pai. Estamos diante de uma vivência do bebê com seu objeto, que, desde muito cedo, anuncia a impossibilidade da plena gratificação, pois a frustração e os limites logo se apresentam, levando-o a buscar satisfações substitutivas.

Retornemos às frustrações orais, ligadas ao seio, que levam aos ataques sádicos. Essas frustrações fazem com que se deseje, em fantasia, tomar posse do seio da mãe para obter prazer de modo pleno e ideal. Assim, assegurando-se de que não haverá falta nem separação, pois o seio será sugado e esvaziado, o bebê se dirige, de modo invejoso, para o interior do corpo da mãe, com o intuito de retirar dele todos os seus conteúdos e, depois, destruí-los. Isso inclui o pênis do pai, que imagina ter sido incorporado pela mãe no ato sexual oral e, posteriormente, o pai. Desse modo, a situação edípica arcaica começa muito cedo e mantém ligação com as diversas formas de sadismo – oral, uretral, anal e muscular –, que se dirigem com força máxima pelos ataques abertamente violentos à mãe, ao pai e, depois, em punição aos pais juntos<sup>2</sup>. Desse modo, a criança quer destruir, em fantasia, os pais que imagina estarem juntos “copulando”.

Klein (1945) propõe uma mudança de sua compreensão da situação edípica, em seu texto, *O complexo de Édipo à luz das ansiedades arcaicas*. Ela abandona a ênfase nessa ideia de que o ódio e sua expressão por meio da violência aceleram a evolução da libido e começa a dar mais ênfase ao amor. O ego foge da frustração oral e distribui sua libido em direção a outro objeto para obter outras formas de amar. Além de mudar de objeto, é preciso mudar o colorido pulsional da relação com objeto. Klein (1935), então,

[2] Os pais, juntos, remetem à fantasia da imagem dos pais combinados.

marca a necessidade de um pouco de amor para se descobrir uma forma de amar, em que você pode amar sem devorar e sem ser devorado. Em síntese, sem violentar e ser violentado, incorporar sem ser incorporado.

Klein (1945) ainda apresenta sua nova concepção da relação da posição depressiva com o Complexo de Édipo, em que ela salienta a luta para integrar a ambivalência – amor/ódio – e a colocar em ação as tendências reparatórias para os ataques agressivos. No desenvolvimento saudável, é esperado que o bebê faça o luto da sua onipotência e separe-se das formas primitivas de amar (KLEIN, 1935, 1940/1996).

O que parece estar em jogo, aqui, é vivenciar as perdas dos objetos ideais, ou seja, com os quais se mantém uma relação dual. No curso do desenvolvimento saudável, esses objetos podem ser substituídos por relações que estão mais de acordo com a realidade dos objetos. É preciso abandonar uma relação bissexual – de caráter exclusivo e incestuoso – para que se possa usufruir do amor terno e filial, deixando, assim, a posse erótica de um dos pais para o outro componente do casal parental e, então, desfrutar livremente do amor dos pais. No entanto, para isso acontecer, sucessivas perdas e lutos serão vivenciados e elaborados.

A introjeção do bom objeto, no início da infância, e o seu estabelecimento no mundo interno são aspectos que constituem condição para se atravessar os primeiros processos de luto, que compõem a posição depressiva. Para isso, no entanto, a internalização dos objetos parentais precisa ter sido pacífica e harmoniosa (dessexualizada). Isso significa que as boas experiências precisam prevalecer sobre as más.

É preciso salientar que, durante a travessia da posição depressiva e situação edípica, ocorre uma transformação no ego e também no superego. Tanto o ego quanto o superego têm uma tendência à integração desde o início, que se espera chegar ao auge na posição depressiva, tal integração está condicionada a dois fatores:

[...] depende da preponderância da pulsão de vida e implica em certa medida a aceitação do ego, do trabalho da pulsão de morte. Veja a formação do ego como uma entidade a ser em grande parte determinada pela alternância entre

cisão e repressão, de um lado, e integração em relação aos objetos, de outro. (KLEIN, 1958, p. 279)

A transformação da realidade psíquica que a integração requer é tão intensa que, inclusive, a identificação com os objetos parentais sofrerá mudança, pois a aproximação com a realidade leva a criança, ou o sujeito, a ir entrando em contato com os pais reais e a identificar-se com eles nessa nova condição, como dito anteriormente. Assim, o superego precoce tirano também sofrerá uma transformação no sentido de tornar-se menos rígido e acusador, pela passagem da posição depressiva e situação edípica. Logo, caberá a ele ser mais flexível no exercício das funções de autoobservação, proteção contra ameaças e excessos, idealização no sentido dos sonhos possíveis e introdução da censura no sentido de dar limite e proteção. Sem perder sua firmeza, ele será amistoso e estabelecerá limites e interdições.

Assim, a travessia da posição depressiva e da situação edípica exige que vivenciemos lutos, “aceitando” a perda/morte para renascer a esperança, reinstalando os bons objetos internamente. Reiteramos que são os bons objetos internalizados, oriundos das relações de satisfação e prazer, que superaram os de frustração e desprazer. Desta forma, essas boas experiências funcionam como “reserva técnica” nessa travessia para tempos de turbulências, catástrofes, perdas e sofrimento.

Acrescento aqui o trecho de um trabalho que publiquei com Armando Colognese Junior em 2020, *As possíveis manifestações da interferência da pulsão de morte na vida psíquica: violência, agressividade e destrutividade*, para considerar sobre o extravio desta integração pulsional na agressividade, em que a pulsão de morte domina a pulsão de vida, de modo que toma emprestada a energia da pulsão de vida e passa a controlá-la ou, dito de outra forma, a pulsão de vida está a serviço da pulsão de morte – libidinizando-a.

Rosenfeld (1971) e Meltzer (1979) apresentam a ideia de fusão patológica, penso que é Rosenfeld (1971) quem melhor descreve esse conceito. Conceito, por sinal, que modificou a clínica de pacientes que se tornavam difíceis de serem analisados e, com frequência, evoluíam para Reação Terapêutica Negativa, acabando por abandonar a análise (ARAUJO, COLOGNESE, J., 2020). Ele descreve esse funcionamento semelhante a

“gang mafiosa”, uma boa metáfora, pois o paciente sente que se não aderir à maldade imperativa – no caso pulsional – sua vida corre perigo.

Parecerá estranho falar em superego em mentes assim, mas, ao contrário do que a aparência tende a nos fazer acreditar, o superego do perverso não só existe, como é muito rígido. As figuras parentais não foram suficientemente dessexualizadas para compor um superego compatível com as regras coletivas.

Encontramos um superego que não poderá demandar ternura<sup>3</sup> e generosidade, mas um demandante impiedoso do prazer ilimitado, que exige que as demandas pulsionais do Id sejam atendidas a qualquer preço, mesmo contrariando as regras de seu próprio corpo. Por exemplo, o que deveria causar dor causa prazer; o que sua sexualidade física se presenteou não condiz com sua sexualidade mental. Somente um superego impiedoso poderia impedir que os pensamentos e sentimentos possam ser pensados e elaborados dentro de um contexto onde impera o coletivo. O máximo de coletivo que se pode esperar de um perverso – se assim podemos metaforizar – é que ele atenda aos vários “eus” que ele sente poder ser.

Dessa forma, em termos da relação da pulsão de vida com a pulsão de morte, na posição esquizoparanoide, vivemos um mundo intenso, violento, em que se ama e se odeia com muita intensidade. É preciso “abrandar” essa forma de relacionar-se com os objetos internos e externos e, para isso, as boas experiências precisam prevalecer sobre as más, para que a pulsão de vida ganhe espaço, integrando-se à pulsão de morte. O que, até então, era violência, vai se transformando em agressividade, algo vital para um desenvolvimento psíquico, mas, quando essa integração extravia, nos deparamos com a destrutividade, intensamente vivida nos narcisismos destrutivos.

Para concluir, retomo o título deste texto, *O mundo interno: uma leitura kleiniana* e retomo o fato de que Melanie Klein nos brindou com uma inovação quanto a um mundo interno dinâmico, composto por relações de objetos e com vida própria! Mundo em que o bebê se relaciona emocionalmente, desde o início da vida, de forma intensa e colorida pelo mundo pulsional. Dessa maneira, Klein abre caminho para que os pós-kleinianos possam estudá-la, superá-la e transformá-la.

[3] Ternura é a corrente amorosa, antes sexual, que seguiu este caminho como fruto da dessexualização das figuras parentais.

## Referências

- ARAÚJO, A. K. F.** *O renascimento psíquico vivido em análise*, 2018. 115p. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). Faculdade de Psicologia, PUC, São Paulo, 2018.
- \_\_\_\_\_, **A. K. F.**; **COLOGNESE, J., A.** As possíveis manifestações da interferência da pulsão de morte na vida psíquica: violência, agressividade e destrutividade. In.: ASSUAR, G.; GONDIM, A. L. B. *Além do vírus: psicanálise e resistência*. São Paulo: Zagodoni, 2020.
- BARANGER, W.** O conceito de mundo interno na obra de Melanie Klein. In.: *Posição e objeto na obra de Melanie Klein*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1981.
- BRITTON, R.** O Édipo na posição depressiva. In.: ANDERSON, R. (org). *Crença e imaginação: explorações em psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2003.
- CINTRA, E. M. U.** Onde vivem as pulsões e seus destinos: uma reflexão. In.: FULGENCIO, L; GURFINKEL, D. *Relações e objetos na psicanálise: ontem e hoje*. São Paulo: Blucher, 2022.
- FREUD, S.** (1923). O ego e o id. In.: *Obras completas: volume 16. O eu e o id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925)*. Trad. Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- GRENENBERG, J. R.; MITCHELL, S. A.** Melanie Klein. In.: *Relações objetais na teoria psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- ISAACS, S.** A natureza e a função da fantasia. In.: KLEIN, M; HEIMANN, P.; ISAACS, S; RIVIERE, J. (orgs). *Os progressos da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1952.
- JOSEPH, B.** (1988). Relações objetais na prática clínica. In.: *Equilíbrio psíquico e mudança psíquica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- KLEIN, M.** (1921). O desenvolvimento de uma criança. In.: *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_, **M.** (1932). *A psicanálise de crianças*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- \_\_\_\_\_, **M.** (1935). Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos. In.: *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_, **M.** (1940). O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos. In.: *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_, **M.** (1945). O complexo de Édipo à luz das ansiedades arcaicas. In.: *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

- \_\_\_\_\_, **M.** (1946). Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In.: *Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- \_\_\_\_\_, **M.** (1948). Sobre a teoria da ansiedade e da culpa. In.: *Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- \_\_\_\_\_, **M.** (1952). Algumas conclusões teóricas sobre a vida emocional do bebê. In.: *Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- \_\_\_\_\_, **M.** (1958). Sobre o desenvolvimento do funcionamento mental. In.: *Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- MELTZER, D.** Terror, perseguição e temor. In.: *Estados sexuais da mente*. Rio de Janeiro: Imago, 1979.
- ROSENFELD, H.** (1971). Uma abordagem clínica para a teoria psicanalítica das pulsões de vida e de morte: uma investigação dos aspectos agressivos do narcisismo. In.: SPILLIUS, E.B. (ed). *Melanie Klein hoje: desenvolvimento da teoria e da técnica*. Artigos predominantemente teóricos. São Paulo: Imago, 1991.
- SPILLIUS, E. B.** O conceito de fantasia em Freud e Klein. In.: *Uma visão da evolução da clínica kleiniana: da antropologia à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- WINNICOTT, D. W.** (1963). Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In.: *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do amadurecimento emocional*. Porto Alegre: Artmed, 1983.